

**PAISAGENS EXPERIENCIADAS NAS TRILHAS DA
EDUCAÇÃO FENOMENOLÓGICA**

**LANDSCAPES EXPERIENCED IN THE TRAILS OF
EDUCATION PHENOMENOLOGICAL**

Wilson Aparecido Paschoal¹ & Jeani Delgado Paschoal Moura²

¹ Graduado em Geografia - UEL

Pós-graduando em Ensino e Tecnologia - UTFPR

Membro Grupo de Pesquisa Fenomenologia Geográfica - UEL

Tel. (43) 99762613, Cx. Postal 10.011, CEP: 86.057-970, Londrina - PR, Brasil
wilsonpaschoal@gmail.com

² Professora do Centro de Ciências Exatas, Departamento de Geociências,
Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Geográfica (LEPEEG),
Universidade Estadual de Londrina (UEL), Tel. 43 33714246, Cx. Postal 10.011,
CEP: 86.057-970, Londrina - PR, Brasil
jeanimoura@uol.com.br

Recebido 13 de Julho de 2017, aceito 04 de Junho de 2018

RESUMO - O ato de ensinar Geografia, na perspectiva fenomenológica, pressupõe um trabalho inicial de educação dos sentidos pela experiência, em que a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar são estimulados por meio das sensações proporcionadas no campo. A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre o potencial pedagógico da realização de atividades de campo com escolares, por meio de trilhas em parques ecológicos localizados no município de Londrina, Paraná, onde há remanescentes da Mata Atlântica, segundo bioma mais ameaçado de extinção do mundo. O intuito das trilhas é desenvolver uma educação ambiental humanista pelas vias da percepção, dos sentimentos e emoções do homem durante a experimentação de paisagens preservadas em ambientes urbanizados. A experimentação contribuiu para que os educandos

compreendessem as relações entre o conteúdo apresentado em sala de aula e a aplicação na vida. Assim, foi possível despertar o senso crítico como sujeito ativo e não como espectador das transformações do meio natural que ocorrem no espaço que habita.

Palavras-chave: Paisagens, Experiência, Trilhas, Educação Fenomenológica.

ABSTRACT

The act of Teaching Geography, in the perspective phenomenological, assumes an initial work of education of the senses by experience, in which vision, hearing, tact, smell and palate are stimulated through the sensations provided in the field. This research proposes a reflection on the pedagogical potential of conducting field activities with school, through the trails in ecological parks located in the municipality of Londrina, for. No, where there are remnants of the Atlantic rainforest, second most threatened biome of the world. The intention of the trails is to develop a humanist environmental education by the pathways of perception, feelings and emotions of man during the experimentation landscapes preserved in urbanized environments. The experimentation contributed to the students better understanding the relationships between the content presented in the classroom and the actual application in life. Thus, it was possible to awaken the critical sense as an active subject and not as a spectator of the natural medium transformations occurring within the space that dwells.

Keywords: Landscapes, Experience, Trails, Education phenomenological.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre trilhas interpretativas e experimentação da paisagem na perspectiva fenomenológica, fundamentada nas obras de Merleau-Ponty (1999), Dardel (2011), Tuan (2012) e pesquisadores

que dialogam com suas teses. Nos interessa pensar a paisagem no campo da Geografia em diálogo com a Fenomenologia, enquanto essência geográfica e experiência sensível dos sentidos humanos, um encontro pessoal e uma abertura para o mundo vivido. A busca pelo retorno “as coisas mesmas”, à experiência, ao mundo vivido e a existência, balizam a ideia de (re)ligação do homem com a natureza, e contribuem com a formação humana plena, em que os participantes constroem conhecimentos, conferindo um sentido e significado à realidade vivida, estimulada pelo pensar e ser no mundo.

O homem contemporâneo, em sua maioria, nasce e morre na grande cidade urbanizada, seu habitat, onde, enfim, acaba moldado nos seus hábitos e costumes, em suas ideias e sentimentos, e, via de regra, perde a sua ligação com a natureza. O espaço construído coloca em dúvida o alcance do seu olhar, apaga e submerge o desenho natural dos lugares, seu horizonte é artificial, sua trilha é a rua onde o homem é passante, às vezes, quase inconsciente. Na busca pela religação do elo perdido entre o homem e a natureza, foi proposto a realização de trilhas interpretativas e a experimentação da paisagem envolvendo a participação de 60 estudantes do Ensino Médio, de uma escola pública, localizada na zona norte de Londrina/PR.

Na primeira seção, *Sobre Paisagens, Sabores e Saberes da Experiência*, apresentamos uma reflexão sobre a paisagem enquanto um encontro concreto experienciado entre o homem e o mundo que o cerca, pela relação direta e imediata com os elementos sensíveis do mundo terrestre: a água, o ar, a luz, a terra, que estão abertos aos sentidos: tato, olfato, paladar, audição e visão, entre outros. A segunda, *Pelas Trilhas da Mata*, conceituamos trilhas e apresentamos os remanescentes da Mata Atlântica, preservados em parques ecológicos. Na terceira seção, *Trilhas Interpretativas*, descrevemos a experiência da paisagem durante o percurso realizado com os estudantes em três parques ecológicos

de Londrina/PR, em que a experiência de saborear a mata proporcionou um retorno às coisas mesmas, ou seja, um retorno à experiência, ao mundo vivido, à existência e à essência do ser-no-mundo-da-vida.

SOBRE PAISAGENS, SABORES E SABERES DA EXPERIÊNCIA

Há uma polissemia no conceito e definição de paisagem dependendo do contexto em que a mesma está inserida, pois esta não é objeto de estudo e intervenções apenas da Geografia, mas também da Arquitetura, das Artes, das Ciências Sociais, da Filosofia, da Antropologia, da Ecologia entre outras áreas. Em cada área do conhecimento humano ou na linguagem do cotidiano a paisagem pode ser conceituada diferentemente. A paisagem é a expressão da forma de ser-lançado-no-mundo, em que o homem pode sentir a sua existência enquanto um ser terrestre.

[...] quando estou na presença de uma paisagem, não estou, na realidade diante dela. Há, atrás de mim, em volta de mim, a presença de todos os horizontes. Todos os distantes estão integrados no meu próximo. Tudo que percebo, percebo sobre fundo de mundo. Em vez de fundo deveria falar de meio. Mesmo dando as costas à montanha da Sainte-Victoire, seu signo está presente na minha visão. Sou a cabeça dessa recapitulação. Neste sentido sou o centro do universo. (Maldiney, 1995, p. 31 apud Besse, 2014, p.51).

A paisagem é a manifestação do movimento interno do mundo, isto é o resultado das interações entre o espaço telúrico, o espaço aéreo, o espaço aquático e o espaço construído, ou seja está em torno do ser humano, antes de serem objetos de contemplação. Compreender uma paisagem é ser na paisagem, é ser atravessado por ela em “uma relação que afeta a carne e o sangue”, diz Dardel

(2011, p. 31). Esse ser invadido por sua cor fundamental que compõe a dinâmica e o ritmo de sua existência (Besse, 2014).

A paisagem pode ser compreendida e definida como o acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca, antes de tudo uma experiência. Para Marandola (2014, p. 9) “precisamos habitar a paisagem para poder ouvir o seu saber, precisamos senti-la [...] para sermos invadidos por ela, e para isso temos que viver a plenitude de ser-lançado no mundo”, ou seja, a paisagem é o sentir no encontro com o mundo. Nesse sentido, se rompe com a clássica definição de paisagem como a extensão que se pode abarcar com a vista, significa participação não distanciamento, proximidade mais que uma vista panorâmica, é um acontecer fenomênico, este é o sentindo de paisagem que perseguimos nesta pesquisa.

A paisagem não é algo apenas para se olhar, mas para ser compreendida como um acontecimento ou um encontro concreto experienciado entre o homem e o mundo que o cerca em todos os sentidos (Besse, 2014). Pela experiência na paisagem que o homem toma consciência de estar no mundo e ser atravessado por ele revelando a consciência do ser-e-estar-no-mundo-vivido ou o lugar de um combate pela vida, manifestação do seu ser com os outros, base de seu ser social (Dardel, 2011). Este encontro do homem com o mundo ocorre pela relação direta e imediata, física, com os elementos terrestres (a água, o ar, a luz, a terra) que estão abertos aos sentidos (tato, olfato, paladar, audição e visão, entre outros). Devemos buscar “mesmo no gosto ou no olfato o caminho, junto com os demais sentidos de uma apreensão completa, sinestésica da paisagem” (Marandola, 2014, p. 12).

Para Marandola Jr. (2012, p.45) experiência é o contato direto da consciência cognoscente corporificada com o mundo. “A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar. A experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma

relação com algo que se experimenta que se prova” (BONDÍA, 2004, p. 161). Em seu radical encontra-se a palavra *periculum*, perigo, experienciar é vencer os perigos. Em grego a raiz – *per* se deriva em travessia, percurso, passagem. Em Tuan (2012) experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual.

Saborear é uma experiência com o mundo mediado pelo tato, o sabor é tátil, palativo, no ato de comer, sendo uma experiência por intermédio da boca e não apenas pelo olhar, desta maneira, o sabor em Geografia, “faz parte da experiência da paisagem que é gosto e sensações, além de cor, som e cheiro” (Gratão; Marandola Jr., 2011, p.61). Assim se tocamos e nos deixamos tocar pelos elementos da paisagem, sentimos o cheiro do mato e o perfume das flores, se podemos ouvir o canto dos pássaros, o barulho das águas correndo em um riacho, podemos ver, experienciar e saborear a paisagem.

As experiências que vivemos e as percepções que são construídas em nosso percurso no mundo da vida, no espaço, no tempo, na terra, na paisagem e no habitar, são relações vivenciais do homem com a Terra, suas geograficidades, enquanto abertura para o experienciar geograficamente, “que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (Dardel, 2011, p.33). A Terra para Dardel é a base da existência humana, ela é para o homem aquilo sobre o qual ele erige todas as suas obras, o solo do seu habitat, os materiais de sua casa, o objeto do seu pensar. Para Dardel (2011, p. 31) pela paisagem o homem toma consciência do fato que habita a Terra, “ela [paisagem] coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio da sua realização”.

A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo, cada pessoa enxerga e percebe as coisas à sua volta das mais variadas maneiras, estas diferenças estão relacionadas à diversidade de personalidades, à idade, às experiências, aos aspectos socioambientais, à educação e à herança biológica (Tuan, 2012). Todo fluxo de informações é filtrado respeitando os elementos valorizados pelo indivíduo, deste modo, as imagens mudam à medida em que as pessoas adquirem novos interesses, ou seja, como os seres humanos classificam e ordenam a massa de fenômenos que giram ao seu redor. Estes filtros são fisiológicos, sensoriais e culturais pelos quais se configura um mundo singular organizado pelo indivíduo. A percepção individual ocorre através dos órgãos dos sentidos associados a atividades cerebrais. Dentre os cinco sentidos (visão, audição, olfato e paladar e tato) o homem depende mais conscientemente da visão para repensar e progredir no mundo, os demais são pouco eficazes quando não são ativamente usados. Os sentidos são partes necessárias e fundamentais no processo de percepção dos indivíduos e das suas sensações relacionadas ao ambiente, ao seu habitat (Tuan, 2012).

Segundo Bondía (2004) pensar a educação a partir do par experiência/sentido é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova, já a informação não deixa lugar à experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti-experiência, não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. Um dos componentes fundamentais da experiência é a sua capacidade de formação ou de transformação, é aquilo que “[...] nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (Bondía, 2004, p. 25-26).

Merleau-Ponty (1999), em seu livro *Fenomenologia da Percepção*, aponta caminhos para reaprender a ver o mundo pela criatividade vivida pelo corpo

como sujeito do conhecimento, situado no mundo, como consciência encarnada ou engajada. Não se concebe o sujeito como existência para si, desprovido de corpo. A perspectiva não é de exaltar a existência do sujeito separada do mundo, mas ressignificá-lo a partir da experiência perceptiva. A experiência concreta passa a ser mais importante do que teorias abstratas. “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; sou aberto ao mundo, me comunico com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (Merleau-ponty, 1999, p. 14). A intencionalidade deixa de ser um atributo da consciência para ser característica da atividade de um corpo que se dirige permanentemente para o mundo, estando nele. A preocupação constante com o reaprender a ver o mundo reivindica para o processo educativo a instauração de um modo de educar que privilegia uma forma de pensar criativa e capaz de se renovar.

Passaremos a discussão sobre as caminhadas pelas trilhas interpretativas, por considerarmos à maneira de Dardel (2011), que Geografia em ato se faz também pela experimentação da paisagem em ambientes naturais, saboreando cada experiência. Geografia em ato! Eis o que experimentamos e apresentamos a seguir.

PELAS TRILHAS DA MATA

A palavra trilha é derivada do latim *tribulum* que significa caminho, rumo ou direção. Ao longo dos anos, a humanidade vem abrindo e utilizando estes caminhos para atender as suas necessidades, principalmente as de deslocamento, muitos caminhos se transformaram em estradas, algumas construídas há séculos para ligar uma cidade à outra. Na atualidade as trilhas estão sendo utilizadas como um meio de maior contato com a natureza, propiciando um encontro pessoal com a paisagem, que deixa de ser vista para ser experimentada em todos os sentidos.

A realização de trilhas em paisagens naturais resgata a ligação perdida, ou mesmo inexistente, do homem com a natureza, por meio da paisagem, enquanto essência geográfica (Holzer, 1997). Se trata de um meio para estimular, pela experimentação, a observação da realidade em remanescentes da Mata Atlântica, o que potencializa o desenvolvimento de habilidades pelas vias da percepção dos sentimentos e emoções do homem (Tuan, 2012).

A Mata Atlântica é uma formação florestal praticamente contínua, ao longo do litoral brasileiro, numa faixa de aproximadamente 2.900 quilômetros no sentido Norte-Sul do país, desde o Ceará, na Região do Nordeste, até o estado de Santa Catarina, na Região Sul, e cerca de 100 quilômetros adentro do continente¹. O processo de colonização e ocupação do território brasileiro se desenvolveu, de início, nas regiões próximas do litoral, a Mata Atlântica que representava 15% do território brasileiro, atualmente reduzida a somente 7% de sua área original, apresentando apenas manchas disjuntas da floresta, particularmente em locais de topografia acidentada que dificulta qualquer atividade agrícola ou outra forma de ocupação (Brasil, 2015).

Quanto ao Estado do Paraná, a cobertura florestal original perfazia quase 85% da sua superfície, ou cerca de 169.197 km² originalmente coberto pela Mata Atlântica e o restante composto por formações campestres, manchas de cerrado e algumas tipologias de vegetação na faixa litorânea. Na década de 1990 restava menos de 8% da área de floresta natural, o que representou um desmatamento de dez milhões de hectares (Maack, 1968).

¹ Conforme o Ministério do Meio Ambiente (MMA), a Mata Atlântica é formada por um conjunto de formações florestais (Florestas: Ombrófila Densa, Ombrófila Mista, Estacional Semidecidual, Estacional Decidual e Ombrófila Aberta) e ecossistemas associados como as restingas, manguezais e campos de altitude, que se estendem originalmente por aproximadamente 1.300.000 km² em 17 estados do território brasileiro. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/mata-atlantica> Acesso em: 05 maio 2016.

O processo de colonização da região norte do Paraná, onde se localiza a cidade de Londrina, ocorreu na década de 1920, até então um vazio desabitado, portanto, um município relativamente jovem, fruto do loteamento implantado pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), como parte de um contexto mais amplo de colonização planejado para a criação de cidades que obedeceriam a funções diferenciadas, de acordo com a sua localização. A partir da década de 1970, a região norte do Paraná passa por um processo de transformação da paisagem e pelo êxodo rural, em virtude da mecanização da produção agrícola e substituição das lavouras de café por outras que demandavam menos mão de obra. Como consequência, a urbanização de Londrina ocorreu de forma acelerada e desordenada, causando uma série de problemas sociais e ambientais, entre eles se destacam o desemprego, a criminalidade, a desigualdade social, a poluição e o desmatamento.

Na área urbana do município de Londrina, encontramos remanescentes da Mata Atlântica preservados em parques ecológicos. A Figura 1, identifica a localização da área urbanizada do município, com os fragmentos da Mata Atlântica, compondo quatro parques ecológicos, a saber: 1) Marco Zero; 2) Parque Arthur Thomas; 3) Jardim Botânico; 4) Mata dos Godoy, nos três primeiros foram realizados a experimentação da paisagem pelas trilhas da mata.

As novas gerações pouco conhecem esta história de ocupação e devastação das matas nos níveis nacional, estadual e local, fato que pôde ser constatado pela fala dos escolares que participaram desta pesquisa, os quais, representam uma pequena parte desta geração que nasceu em um mundo cosmopolita, cujo processo de urbanização se deu às custas da devastação das paisagens naturais, das quais restam apenas pequenos fragmentos nas áreas urbanas, pouco conhecidos pelos participantes da pesquisa, a exemplo do município de Londrina.

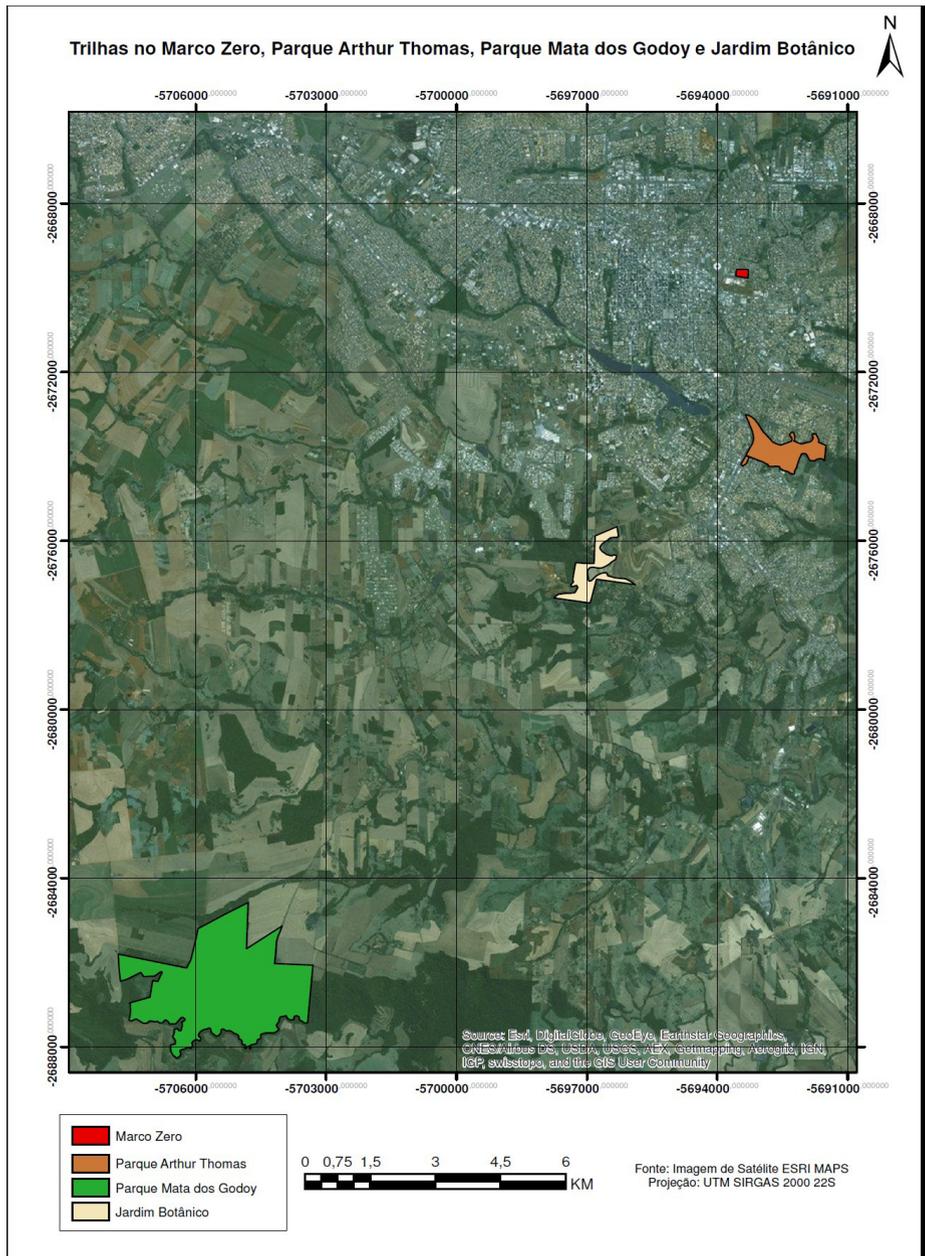


Figura 1 - Localização das áreas de fragmento da Mata Atlântica, no município de Londrina/PR. Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Org.: Paschoal, W. A. (2016)

TRILHAS INTERPRETATIVAS

A realização de trilhas é importante para o ensino e pesquisa da/na Geografia, é o momento em que o sujeito pode perceber e interagir com lugares onde a natureza se faz presente, permitindo o aguçar da curiosidade, como ensina Freire (2001, p. 35) “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. Para potencializar a experiência é necessário criar situações para que os sujeitos entrem em contato com os lugares, para poderem conhecer, utilizar e construir ideias e práticas que lhes inspirem a pensar o mundo em que vivem e sua participação nele. A realização de trilhas estimula a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar por meio das sensações ao se colocar os pés no barro, ao sentir o gosto dos frutos e o cheiro do mato, ao prestar atenção em cada detalhe da realidade observada e da vida em movimento. As experiências acumuladas pela sucessão de percepções, dão origem a atitudes que orientam ações no ambiente circundante, possibilitando viver em simbiose com a natureza presente no meio urbano. Adiante, descrevemos o percurso de trilhas interpretativas realizado nos parques ecológicos de Londrina/PR, como lugares que potencializam o contato com a natureza ao permitirem conhecer uma realidade diferente se comparada aos meios urbanizados.

Trilhas no Marco Zero

O Marco Zero é um monumento em bronze que representa o marco do início da criação da cidade de Londrina, na década de 1920, pela Companhia de Terras Norte do Paraná, localizado em uma área de mata nativa, de aproximadamente dois alqueires, dentro do espaço urbano do município de Londrina. Atualmente a área é denominada Complexo Marco Zero.

O Complexo Marco Zero de Londrina se constitui num centro empresarial e comercial, o qual abriga o Shopping Boulevard com lojas comerciais, salas de cinema, hipermercado, hotel, futuras torres comerciais e residenciais, além de outros empreendimentos privados, transformando radicalmente o espaço da região leste de Londrina. O espaço urbano é mutável e suas transformações estão sempre conectadas às dinâmicas econômicas e sociais, a Zona Leste de Londrina, área onde está localizada o Marco Zero, sempre fora conhecida como um espaço de segregação social, violência e construções simples. Diante da desativação da indústria Coimbra, proprietária da área onde se localiza o Marco Zero, um grupo de empresários e investidores viram a oportunidade de viabilização de um grande empreendimento, hoje denominado Complexo Marco Zero, haja vista sua posição estratégica, com vias de acesso rápido as zonas norte/sul, leste/oeste, proximidade da área central, terminal rodoviário e urbano, equipamentos urbanos já instalados.

Apesar de ser uma Área de Preservação Permanente/APP, o Marco Zero foi incorporado ao Complexo, com o compromisso do grupo de empreendedores de revitalização do espaço e abertura para visitação ao público através de trilhas monitoradas, o que não se concretizou até o momento. Ainda que a mata, onde se localiza o Marco Zero, esteja inserida no ambiente urbano, defronte ao Shopping Center Boulevard, frequentado por muitos dos educandos, os mesmos declararam que não conheciam o lugar e seu significado, “*para mim era apenas uma mata*”, declarou Matheus², um dos participantes da pesquisa. Nesse local foi promovido um diálogo, sem roteiros prévios, entre os estudantes com o Sr. Pedro Dias Barbosa, “Pedro da Mata” como é conhecido, um ambientalista – “guardião da mata”, que vive na mata há mais de 45 anos, momento em que compartilhou a sua experiência de vida, relação de amor pelo lugar (topofilia) e pelas questões de preservação do ambiente (Figura 2).

² Para preservar a identidade dos estudantes que participaram desta pesquisa foram usados nomes fictícios.



Figura 2 - Encontro dos alunos com Sr Pedro da Mata, Marco Zero. Fonte: Moura, J. D. P. (2014)

Nesta área visitada os escolares não tiveram a oportunidade de fazer uma trilha no interior da mata, segundo Sr. Pedro da Mata, a área não apresentava condições para fazer uma trilha segura, tanto para os alunos quanto para a mata, a conversa ocorreu junto à pedra fundamental que marca o início da colonização de Londrina, em 1929. Apesar da área ser tombada pelo município desde 1984, a mesma pertence a particulares, já tendo passado pelas mãos de grandes empresas como a Anderson Clayton, Gessy Lever e Coimbra. Sr. Pedro da Mata, um senhor simples, mas de coração aberto a visitantes que queiram saber de suas histórias, vive com sua esposa e filho, em uma casa humilde no núcleo da mata, desde 1971, quando foi contratado pelos proprietários da área, na época Anderson Clayton, para cuidar da mata. Em suas narrativas, ele contou que

quando chegou a Londrina, aos 17 anos de idade, só tinha uma rua calçada com pedra, a Rua Guaporé, um prédio, o Hotel São Jorge, uma circular (um ônibus pequeno), quando chovia precisava acorrentar as rodas para não derrapar, e que muitas vezes o motorista fazia os passageiros descer para empurrar.

Os estudantes desconheciam demonstravam interesse, curiosidade pelas histórias de outros tempos, mas no mesmo espaço. O estudante Thiago demonstrou surpresa e declarou desconhecer totalmente a história do Marco Zero da cidade. Ao conhecerem esta realidade vivenciada e experienciada pelo Sr. Pedro da Mata, os estudantes foram provocados a “reaprender a ver o mundo”, compreendendo que o espaço, a paisagem sofre transformações e que as pessoas participam e atuam de diferentes formas, assegurando a sobrevivência e transformando o meio natural ou aqueles transformados, é o que podemos constatar no relato de Sabrina, ao afirmar que: *“Apesar do lugar ter sido todo revitalizado com a chegada do shopping Boulevard, é interessante observar a natureza resistindo nesta matinha aqui”*.

De acordo com o nosso interlocutor, quando houve o tombamento do Marco Zero, em 1984, foram identificados exemplares de árvores nativas como: Pau D’Alho, Figueira Branca, Peroba, Peróba Rosa, com 324 anos, Guarita, Burucaia, Cedro e outras espécies raras, como o Jaracatiá, flora que fazia parte da paisagem natural do Norte do Paraná, hoje em extinção. Contou ainda que, por muitas vezes, pessoas tentaram degradar a vegetação do local em busca das cascas das árvores para fazer medicamentos:

*Eu chorava, mas Deus me deu inteligência, sempre busco ajudar as árvores a se recuperar dos ferimentos, fazia um barro batido e passava na planta, ela não morria, são amigas inseparáveis, fazem parte da minha história há 40 anos, elas me confortaram. **Uma árvore não fala, mas ouve e ama aqueles que a amam.** (Pedro da Mata, grifo nosso).*

Em um dado momento o Sr. Pedro da Mata convidou os alunos a se silenciarem para sentirem a natureza, “parece uma Amazônia”, diz ele. Ao ouvirem o canto do pássaro completou: “a saracura comunicando dentro do nosso quintal... que vai chover... a cantiga dela é tão linda...”. Quando questionado pelo estudante Pedro Paulo, o que faria se ele tivesse que sair da área um dia, com os olhos cheios de lágrimas, respondeu: “Se as autoridades assim decidirem, eu saio, mas gostaria de ser sepultado aqui”. Esta relação de afetividade que o Sr. Pedro da Mata demonstrou pela mata, o que Tuan (2012) define como sentimentos toponímicos, “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”, vem se perdendo no mundo contemporâneo globalizado. A troca de experiência oportunizou aos alunos se (re)conectarem com os elementos naturais, através do uso dos sentidos comuns, visão, audição, olfato, somados aos sentidos das formas, harmonia, equilíbrio e de lugar, despertando o sentimento de pertencimento e amor pelo lugar, e pela paisagem experienciada, possibilitando a (re)construção do mundo vivido. Nas palavras da estudante Jamile, *“Nós da cidade não valorizamos mais a natureza; acho muito legal os professores trazerem a gente aqui para apreciar tudo isso, só assim mesmo, conseguiremos ter um relacionamento melhor com a natureza”*.

Trilhas no Parque Arthur Thomas

O Parque Arthur Thomas é uma área de preservação ambiental inserida em um fragmento de Mata Atlântica, com uma área total de 85,47 hectares, dentro da área urbana do município de Londrina, foi fundado em 1975 e aberto à visitação em 1982. Atualmente o parque está sob a administração da Secretaria Municipal do Ambiente (SEMA). Criado inicialmente para implantação de uma área de lazer, hoje constitui um importante regulador do equilíbrio dinâmico dos recursos hídricos da bacia hidrográfica do Ribeirão Cambé.

Este parque é cortado por nove trilhas: Trilha da Capivara, Trilha da Cotia, Trilha da Cuíca, Trilha do Beija-Flor, Trilha do Jaboti, Trilha do Lagarto, Trilha do Quati e Trilha dos Macacos, bem sinalizadas, que permitem um caminhar por toda sua extensão com segurança. A principal trilha do Parque é a Trilha da Capivara, seu percurso é de aproximadamente 1.687 metros, se inicia próximo ao centro de visitantes e percorre todo o entorno do lago. O percurso da Trilha dos Macacos se inicia logo no final da trilha da Capivara e se estende até o limite do perímetro do parque, com cerca de 1.047 m.

CROQUI DO PARQUE ARTHUR THOMAS

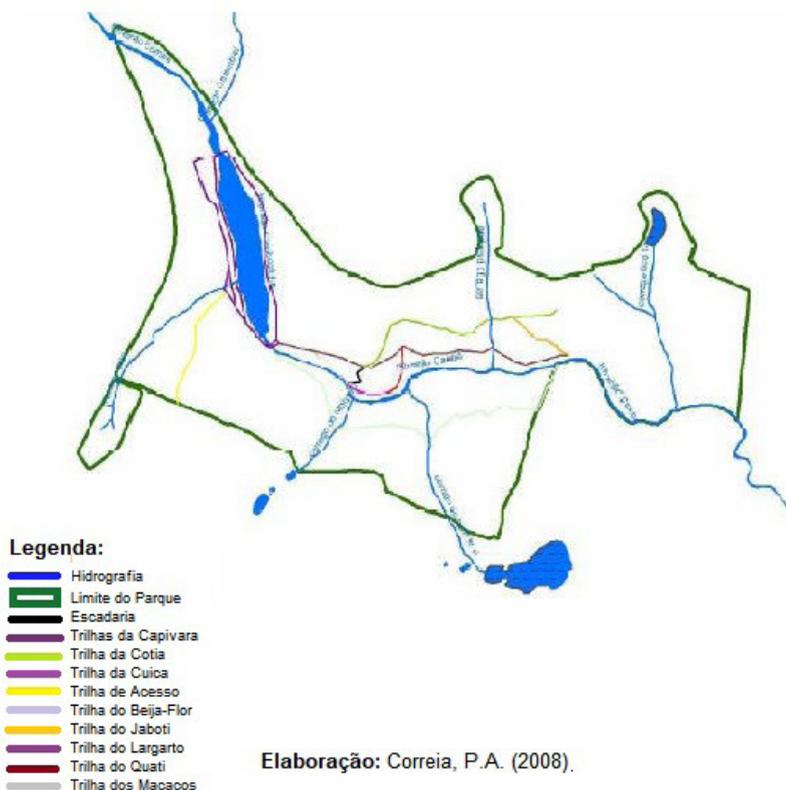


Figura 3 - Croqui do Parque Arthur Thomas

Os alunos percorreram a trilha da Cuíca, que se inicia logo após a ponte depois do vertedouro da barragem, com extensão de aproximadamente 825m, tendo o seu ponto final na antiga Usina Cambé, desativada em 1967, após 28 anos de funcionamento. A caminhada e as observações possibilitaram um diálogo sobre a imagem do lago, os motivos que provocam o assoreamento, origem do lixo acumulado e o papel do homem como agente deste processo, bem como a importância da preservação deste espaço, dentro da área urbana do município. O grupo seguiu pela trilha da Cuíca, que liga a diversas outras trilhas do parque, dando acesso aos mirantes para visualização da cachoeira, uma belíssima cascata com 20 metros de queda onde puderam observar a mata exuberante e a fauna (Figura 4).



Figura 4 - Cascata vista do mirante, Parque Arthur Thomas. Fonte: Moura, J. D. P. (2014)

Ao contemplar e experienciar a paisagem, os educandos não olharam passivamente, mas com atenção, em atividade, ou seja, em busca de ressignificação, perceber de forma diferente aquilo que estava diante dos olhos, um momento de parar o tempo, buscando um reencontro consigo mesmo, remetendo a uma busca de significados para a própria existência. Ao final da trilha da Cuíca, o grupo se deparou com a primeira usina hidroelétrica construída para gerar energia para Londrina, além da fauna e da flora exuberante que acompanhou todo o percurso realizado (Figura 5).



Figura 5 - Alunos em campo, Parque Arthur Thomas. Fonte: Paschoal, W. A. (2014)

Ao discutir as questões ambientais os educandos foram convidados a observar a realidade do mundo, buscando identificar o seu papel na sociedade enquanto

protagonistas da própria história não apenas como expectadores do mundo em transformação, mas como um ser unido à Terra. Para Dardel (2011, p. 49) a Terra é a fonte de vida, é a “mãe de tudo que vive, é de onde os homens saem, um laço parentesco une o homem a tudo que o cerca, as árvores, aos animais, até as pedras”, assim a paisagem observada, experienciada no parque não é apenas um quadro exterior ao homem, mas onde este se realiza e se (re)conhece.

Trilhas no Jardim Botânico

O Jardim Botânico é um lugar de estudo e pesquisa sobre a flora e fauna, apoia atividades de ensino, pesquisa e extensão e conservação de espécies ameaçadas de extinção, além de promoção junto aos visitantes, da percepção dos impactos da ação humana sobre o meio ambiente e, por meio da Educação Ambiental, busca promover a consciência sobre efeitos negativos da perda da biodiversidade. “É um grande laboratório ao ar livre”, nas palavras do funcionário que nos recepcionou. O Jardim Botânico de Londrina foi criado através do Decreto nº 6184, de 08 de março de 2006, com área inicial total de 73,5890 hectares, está localizado na zona sul do Município de Londrina. A atividade foi viabilizada junto a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, que autorizou a visita monitorada por um funcionário da secretaria, Sr. Assis, responsável pelas obras de implantação do local, haja vista que ainda se encontrava fechado ao público para visita. Quando mencionamos o termo “obras de implantação do local”, nos referimos à maneira do homem modificar o espaço, transformando-o de acordo com as suas necessidades, mas podemos dizer também que é a presença humana se inscrevendo na Terra.

O ponto de partida da nossa caminhada nas trilhas do Jardim Botânico foi o mirante, como mostra a figura 6 os alunos adentrando o início da trilha. Nessa caminhada o grupo teve a oportunidade de sentir a transição da paisagem urbanizada

para a paisagem natural. No relato do aluno Amadeu, “*Nossa, como é grande a nossa cidade! E esta parte de Londrina é muito mais verde e fresquinha, dá para sentir a mudança da temperatura!*”. Para Dardel (2011, p. 32) a paisagem não é, em sua essência feita para se olhar, mas inserção do homem no mundo, ou seja, é através da paisagem que o homem toma consciência da Terra como sua morada e de sua geograficidade original. Para compreender a paisagem é preciso experienciar (ser paisagem), é ser atravessado por ela, em uma relação que afeta a carne e o sangue (Dardel, 2011, p. 31), esse ser invadido que compõe a dinâmica e o ritmo de sua existência na Terra. Em busca de vivenciar e experienciar a paisagem seguimos nossa caminhada acompanhado pelo Sr. Assis que compartilhou sua trajetória de trabalho no Jardim Botânico, fazendo um resgate histórico do processo de implantação da área, desafios superados e por vencer, projetos em andamento e futuros.



Figura 6 - Início da Trilha no Jardim Botânico. Fonte: Paschoal, W. A. (2014).

As trilhas do Jardim Botânico foram abertas conforme adentrávamos a mata, ao contrário das trilhas percorridas no Parque Arthur Thomas onde todo o percurso possui um calçamento de paralelepípedos. A trilha escolhida permitiu aos alunos o contato com a nascente das águas que formam o lago, adentrar a uma floresta de bambus, caminhar no meio de um fragmento de Mata Atlântica, conhecer o futuro orquidário e o teatro ao ar livre, ambos em fase de implantação. O caminhar nas trilhas no Jardim Botânico propicia um viver em comunhão com a vida universal que se manifesta no clima, na vegetação e nos animais, aproximando o homem com seu interior, sua essência, sua natureza, um sentimento de topofolia, como declarado por Aline: “Esse lugar é memorável”! Ou o extremo que provoca o pavor, a topofobia, o medo àqueles que nascem e conhecem apenas a grande cidade urbanizada, praticamente “desenraizado” sem ligações com a Terra ou com a paisagem natural. Nas palavras de Karine, que não quis percorrer a trilha, *“eu não gosto de mato, porque me dá coceira e tem muito bicho”*.

Em geral, ao adentrar a mata/vegetação nativa, as trilhas provocaram nos estudantes sentimentos de curiosidade, aguçando a imaginação geográfica daqueles que não sabiam, ao certo, o que os esperavam adiante, pois a maioria nunca havia tido um contato tão íntimo com a natureza. Foi comum perguntas como: - *“É escuro lá dentro, professor?” – Professor, os bichos vão atacar a gente?*” Esse mistério foi se desvendando ao percorrer a trilha, motivando a continuar caminhando, fascinando, prendendo o interesse, viabilizando a percepção sensorial sobre o meio ambiente natural (distanciado do urbano) através das mudanças de temperatura, umidade, sons, entre outros. Durante a trilha os participantes foram convidados a fazer uma reflexão sobre as mudanças de temperatura, descobriram que a mata transpira e que por este motivo a sensação de temperatura no interior da mata é diferente, algo que não poderiam aprender nos livros didáticos, mas sim através da experimentação da paisagem.

Por todo caminho das trilhas encontramos a água, em forma de lago, em forma de riacho, ouvimos seu som por entre as árvores. Os lugares onde não existe água sugerem algo de anormal, os espaços ficam incompletos insinuando a ideia de morte, assim oferecer aos educandos a água para saborear e experimentar diretamente da fonte provocou um grande êxtase, como podemos perceber pelo comentário de Aline “*Ai que delícia, beber água direto da fonte, literalmente!*”. Na atualidade a água vem perdendo seu caráter existencial enquanto princípio de todas as coisas, é tratada como fonte de riqueza e conflitos. Riqueza porque foi transformada em mercadoria em escala internacional, além de ser usada como insumo produtivo na agricultura, indústria e geração de energia, e conflito porque sua distribuição e ocorrência natural não correspondem à distribuição social e econômica.

O contato pessoal com a paisagem propiciou ao grupo um retorno à essência da natureza, possibilitando renovar a sua sensibilidade, revigorar a sua energia, passando a compreender sua condição terrestre. Durante a caminhada na trilha foram realizadas algumas paradas, onde se buscou um diálogo para esclarecer algumas dúvidas e aguçar a curiosidade de tal forma que os participantes sentissem o quanto era importante o contato pessoal com a realidade geográfica, estudada em sala de aula. As observações *in loco* estimularam conversas entre os pares sobre as árvores nativas da região e as exóticas, a importância de preservação das espécies e das nascentes dos rios, as questões de degradação do ambiente, entre outras que foram aparecendo na medida em que a curiosidade e a vontade de aprender e conhecer a realidade se despontavam em meio ao diálogo. No final da trilha foi possível notar a diferença no comportamento dos educandos se comparado ao final de uma aula tradicional, nos entremuros escolares. Este foi, sem dúvida, um retorno diferente, pois todos se mostraram animados, felizes e satisfeitos com um dia de aula de campo, em que puderam

aprender tantas coisas a partir de uma realidade geográfica diferenciada daquela apresentada no cotidiano das salas de aula.

Não é tarefa fácil mensurar as sensações e percepções que uma trilha é capaz de potencializar no ser humano, porém, é possível afirmar que uma pessoa que experencia uma geografia em ato leva consigo tal experiência para outros lugares onde é possível desenvolver a sensibilização ambiental. O aluno Victor informou: *“Professor, eu quero vir sempre neste lugar (Jardim Botânico), pois é muito lindo e traz uma paz interior”*. Destarte aprendemos, através de nossos sentidos, que o saber pode ser saboreado. O processo de ensino/aprendizagem pelas trilhas interpretativas deve ser saboreado e experienciado, buscando promover o surgimento de dentro para fora das potencialidades do homem através da (re)ligação com a natureza. Durante a caminhada nas trilhas no meio da mata, a sensibilidade é tão ativa, quanto ativada, o estar no mundo é orientado, articulado, o caminhar não é apenas estar no mundo, é estar nele de forma interrogativa: caminhar é questionar o estado do mundo; caminhar é uma experimentação do mundo e dos seus valores (Besse, 2014, p. 55). O caminhar em trilhas no meio da mata proporcionou um novo aprender: as paisagens não são apenas vistas, enxergadas, mas sim experimentadas com todos os sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experimentação da paisagem através da realização de trilhas interpretativas, em áreas naturais preservadas em ambientes urbanizados, constituiu-se como um instrumento imprescindível para estimular as pessoas a observar, questionar, experimentar, sentir e descobrir os vários sentidos e significados relacionados a uma educação humanista pelas vias da percepção, dos sentimentos e emoções do homem (Tuan, 2012), permitindo estabelecer uma relação positiva de forma dialética entre o conteúdo apresentado no espaço escolar com o experienciado. Durante a caminhada

pelas trilhas foram realizadas paradas para o diálogo, promovendo uma conexão com a teoria discutida em sala de aula, em relação as questões ambientais, biodiversidade, os aspectos físicos do espaço, com o observado na mata. O ato de caminhar pela mata, o contato direto com a paisagem através dos sentidos propiciou perceber o mundo de modo diferente, o que potencializou uma participação ativa e responsável na busca de soluções para reverter ou prevenir os problemas socioambientais, atuando na melhoria e proteção do ambiente.

Esta pesquisa trouxe um novo significado para o ato de educar, sobressaindo a importância da experiência do vivido, de educar os sentidos e a partir deles aprender a ouvir, a ver, a cheirar, a degustar, a sentir, transformando o ato de educar em algo apaixonante, comprometido com a vida. Ao saborear a paisagem através do caminhar nas trilhas criou-se a oportunidade de convivência, um encontro com o outro, provocados pelo oferecimento de apoio mútuo entre o grupo, tendo em vista que alguns sentiam dificuldades no percurso, desta maneira, as pessoas descobriram o valor construtivo do trabalho em equipe, adquirindo uma qualidade nas relações interpessoais. Ao trabalhar com a sensibilização o professor possibilita aos seus alunos a aquisição de novos conhecimentos, desenvolve novas habilidades, promove mudanças de valores, desenvolve uma visão crítica do seu papel na sociedade, em busca da construção de uma sociedade sustentável.

Diversos autores apontam que a maioria dos problemas ambientais do mundo contemporâneo, poderiam ter sido evitados ou minimizados se a Educação Ambiental estivesse presente na formação de gerações passadas. A partir do trabalho de sensibilização os educandos se tornam multiplicadores, a Educação Ambiental extrapola o ambiente escolar, sendo levada para outros ambientes como empresas, universidades, repartições públicas, reuniões comunitárias etc., para a vida.

Ao apreciar, saborear, experienciar a paisagem com embevecimento os educandos tiveram a capacidade de perceber o homem não apenas como espectador, mas envolvido com seu meio, a sua geograficidade, re-significando o mundo de forma que extrapole as lições dos livros didáticos, entendendo o homem como agente transformador do meio em que vive. Os educandos que participaram das trilhas demonstraram, em suas percepções, acometidos pelo sentimento de aventura. A aventura entendida como o que rompe a rotina dos dias e provoca espanto, surpresa, acontecimento de resultado imprevisto.

A partir da experimentação da paisagem podemos nos tornar mais sensíveis e, acima de tudo, capazes de transcender o mundo-material para compreendermos o mundo em sua dimensão existencial. Ao experienciar a paisagem, a Geografia se revela na (inter) relação do físico, humano e do existencial, explorando o mundo através da ligação/relação do homem com a Terra. Por esta Geografia que encontramos o desejo, o motivo e o sonho de seguir saboreando...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Trad. de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BONDÍA, J.L. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- BRASIL. ATLÂNTICA, SOS Mata. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica**. Disponível em: <http://mapas.sosma.org.br/>. Acesso em: 02 nov. 2015.
- CORRÊA, Paulo Alexandre. Croqui do Parque Arthur Thomas. In: _____. O Parque Municipal Arthur Thomas para a prática do lazer. 2008. **Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física** – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.p. 27.

- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GRATÃO, Lúcia Helena Batista; MARANDOLA JR., Eduardo. Sabor da, na e para Geografia. **Geosul**, v. 26, n. 51, p. 59-74, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/24658>. Acesso em 10 abr. 2016
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, v. II, n. 3, p. 77-85, 1997. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/03_6_holzer.pdf. Acesso em: 18 jul. 2015.
- MAACK, R. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba: IBPT, 1968.
- MARANDOLA JR. E. **Um sentido fenomenológico de paisagem**: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE PAISAGEM, n., 2014, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Texto base da conferência proferida, no prelo.
- _____. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista/Flavor as a geographical experience: for hedonist geography. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 42-52, 2012. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/4> Acesso em: 10 abr. 2016.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PASCHOAL, Wilson Aparecido. Localização das áreas de fragmento da Mata Atlântica, no município de Londrina/PR In: _____. Paisagens Experienciadas nas Trilhas da Educação Fenomenológica. 2016. **Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação**

em Geografia – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. p. 31.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.

Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.